

Título: Ouvindo com o coração: relato de experiência sobre a intervenção junto a um grupo de pais de crianças surdas.

Autores:

- Franco Calegari Aguiar

Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Vila Velha (UVV).

- Junia Henriques de Brito

Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Vila Velha (UVV).

- Luciano de Sousa Cunha

Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Professor do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vila Velha (UVV).

Endereço completo do autor responsável pela submissão do artigo:

Luciano de Sousa Cunha

R. Prof. Elpídio Pimentel 250, apto. 304. Ed. Parintins. Bairro Jardim da Penha.
Vitória –ES. CEP: 29060-170.

E-mail: luciano.cunha@oi.com.br

OUVINDO COM O CORAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A INTERVENÇÃO JUNTO A UM GRUPO DE PAIS DE CRIANÇAS SURDAS

Franco Calegari Aguiar, Junia Henriques de Brito (UVV)

Luciano de Sousa Cunha (UVV)¹

Introdução

O presente trabalho descreve uma experiência de intervenção com um grupo de pais, que tem em comum, filhos com problemas de audição que fazem acompanhamento junto a Clínica de Fonoaudiologia do Centro Universitário Vila Velha (UVV).

Os objetivos da intervenção foram desenvolver, a partir da interação grupal, repertórios nos pais que pudessem fortalecer condutas adequadas e promover a extinção das condutas inadequadas de seus filhos, o esclarecimento de dúvidas acerca dos problemas dos filhos e o reforçamento de comportamentos assertivos dos pais mediante situações vivenciadas junto aos filhos.

Para isso, o presente trabalho irá apresentar uma breve descrição sobre a deficiência auditiva. A partir daí buscou-se arcabouço teórico para compreender a importância da postura dos pais mediante o comportamento dos filhos, e como eles vão interferir na modificação ou sustentação deste comportamento desejável ou não. Em seguida, será apresentada uma descrição sobre os temas abordados durante os encontros programados e os resultados da intervenção a partir do feedback dos pais que formavam o grupo juntamente com uma observação sobre a postura dos pais durante os encontros.

Deficiência auditiva

A surdez pode ser definida como uma deficiência sensorial. A pessoa surda é aquela cuja audição não é suficiente para se comunicar oralmente, precisando, para isso, de amplificação e treinamento especiais (definição da OMS apud Torres). Segundo

¹ E-mail para correspondência: luciano.cunha@oi.com.br

Caballo e Simon (2005), o termo “hipoacusia”, em geral, define a perda auditiva, que são classificadas em: quantidade de perda auditiva (considerando a perda leve, moderada, severa ou profunda), localização fisiológica da perda, sendo esta no ouvido externo, médio ou interno, e momento de obtenção da perda auditiva. A hipoacusia se divide em três tipos: a hipoacusia profunda tipo-1 (entre 90-100 dB), a hipoacusia profunda tipo-2 (entre 110-120 dB), e, a hipoacusia profunda tipo-3 (entre 110-120 dB), existindo ainda a cófese, que, embora seja rara, é definida quando a pessoa apresenta 100% de perda auditiva (porém, ainda existindo resíduos nas frequências baixas). Há ainda a hipoacusia social, que se caracteriza quando a pessoa tem perda auditiva de 30-40 dB e que, traz como consequência 50% de perda da produção verbal do ambiente.

Segundo Caballo e Simon (2005), durante a infância, a surdez muitas vezes permanece oculta até mais adiante na primeira infância, que vai de 0 a 3 anos. Se esta se estende por muitos anos, resulta em uma incapacidade notadamente grave: o atraso no desenvolvimento da linguagem oral, assim, consequenciando um limitado desenvolvimento e uso da linguagem escrita. Desta forma, se torna difícil o surdo ser um aprendiz independente a partir das etapas básicas da educação.

Falamos “surdos” referindo-se à pessoa que adquiriu surdez neuro-sensorial severa ou profunda nos dois ouvidos e antes de estabelecer a linguagem. Caballo e Simon (2005), diferenciam a surdez pré-locutiva, no momento de aquisição, é quando ainda não há linguagem ou não está estabelecida. Ou, quando a linguagem adquirida desaparece se não for reforçada propositalmente. A surdez pós-locutiva, no momento de aquisição, é quando há linguagem estabelecida irreversível, ou seja, se a linguagem adquirida não regressar.

A audição ou a surdez é avaliada por meio de testes audiométricos (objetivos e subjetivos), que servem para distinguir o tipo e grau de sua deficiência. Antes da intervenção, faz-se uma avaliação clínica para agir sobre a causa ou diminuir os efeitos da surdez. Após o diagnóstico de certa perda auditiva, a intervenção, dependendo do tipo, grau e momento de aquisição da lesão, pode ser feita de três maneiras: a intervenção técnica, onde o tratamento centra-se na implantação de próteses auditivas externas e de fácil manejo; a intervenção médico-cirúrgica, que

inclui tanto a medicação quanto a eliminação da lesão por meio de intervenção cirúrgica; e, por fim, a logopédica que é o tratamento fonoaudiólogo, que propõe abrandar as conseqüências da surdez relativas ao desenvolvimento cognitivo e verbal, sendo mais ligado à área educativa do que a hospitalar. É necessário intervir reabilitando o surdo, e é necessário que se faça isso o quanto antes.

No entanto, existem muitos mitos acerca da surdez como: “todos os surdos são iguais”, “os surdos lêem tudo nos lábios”, “os surdos são leitores insaciáveis”, entre outros. Esses mitos não têm embasamento teórico, e, ao contrário do que se pensa, a realidade é bem diferente. De acordo com a ciência, não existem dois surdos iguais, pois, essa deficiência releva principalmente o grau de surdez, o tipo e o momento de aparecimento, e, mediante a esses fatores, resultará em um impacto maior ou menor no desenvolvimento e uso da comunicação oral. Também não se confirma o boato de que os surdos lêem tudo nos lábios, pois, este é um processo de reconhecimento de modelos orofaciais de palavras e frases familiares. Somente se pode ler nos lábios a linguagem oral previamente conhecida. Por último, o mito de que os surdos são leitores insaciáveis, também não é certo, pois, os surdos lêem e entendem muito pouco do que lêem.

De acordo com Caballo e Simon (2005), em comparações a todas as deficiências, tanto físicas, psíquicas e sensoriais, a deficiência auditiva se localiza em segundo lugar entre os números de afetados, perdendo posto apenas para a deficiência mental. Estudos revelam que os países com maior poluição sonora do mundo são o Japão, com o primeiro lugar, e a Espanha, com o segundo, considerando que a exposição máxima permitida de ruídos (horas/dias) é de no mínimo 85 dB em 16h, e, 115 dB em 15 min. Na população geral dos países desenvolvidos, 1% corre risco de adquirir surdez profunda ao longo de sua vida. Na população adulta espanhola os dados revelam que 1% dos adolescentes, 2% dos adultos, 30% dos maiores de 65 anos e 50% dos maiores de 80 anos, têm algum problema de audição séria.

Os pais como agentes de mudança do comportamento infantil

Caballo e Simon (2005) enfatizam que o treinamento de pais é fundamental para que numa relação familiar, a aprendizagem dos filhos seja de forma correta para o

bem-estar de todos. Dessa forma o treinamento envolve a definição de estratégias para que no decorrer das situações, os pais possam modificar ou evitar algum comportamento deficitário. De acordo com Olivares, Méndez e Macià, (1997) o treinamento de pais pode ser conceituado no contexto clínico e da saúde como um enfoque para o tratamento dos problemas de comportamento que utiliza estratégias por meio das quais os pais são treinados a modificar a interação pais-filhos, com a finalidade de estimular o comportamento pró-social e diminuir/eliminar comportamentos desadaptivos.

A importância da família como força modeladora o sujeito em desenvolvimento é apontada por estudiosos de diferentes ciências. Cabe a ela a socialização da criança e a transmissão dos valores, crenças e costumes da sociedade na qual se acha inserida. Segundo Marinho, M. L. (2000) a família proporciona o primeiro e mais importante contexto social, emocional, interpessoal, econômico e cultural para o desenvolvimento humano e, como resultado, as relações familiares têm uma profunda influencia sobre o bem-estar das crianças. A relação pais-filho tem uma penetrante influencia sobre o bem-estar psicológico, físico, social e econômico das crianças.

Alguns pais tendem a ser agressivos e autoritários, caracterizando-se como punitivos e controladores, outros tendem a ser passivos e permissivos, apresentando-se como afetuosos, superprotetores e pouco disciplinadores, e outros são assertivos e tem um controle firme sobre sue filhos os respeitando e sendo respeitados por eles. O treinamento de pais tem que ser feito para que eles percebam que são responsáveis pelos comportamentos apresentados pelos seus filhos. Vários autores (McMahon, 1995; O'Dell, 1974; Marinho, 2001) relatam que o trabalho com pais está fundamentado na premissa de que algum déficit nas habilidades próprias do papel parental é, pelo menos parcialmente, responsável pelo desenvolvimento ou manutenção de padrões de interação familiar perturbadores e, conseqüentemente de problemas de comportamento apresentados pelos filhos.

Método

Participaram das reuniões 15 pais e mães de crianças surdas que eram atendidas às quartas-feiras na Clínica de Fonoaudiologia localizada na policlínica da UVV. O local das reuniões era na Clínica de Psicologia, na sala de Grupo 2, no horário de 13h30min às 14h20min e 14h20min às 15h10min. No total, foram realizados 14 encontros, tendo cada dia um tema específico.

Para os encontros eram utilizados recursos audiovisuais (data show, ligado a um computador com duas caixas de som). É importante ressaltar que, durante os encontros, era utilizada uma comunicação verbal cotidiana, vista no senso comum, sem descartar os termos behavioristas.

Os pais eram convidados semanalmente a participar dos encontros, podendo se recusar a participar dos mesmos.

Análise dos Resultados.

O primeiro encontro foi realizado no dia 12 de março de 2008. O objetivo desse encontro era estabelecer o primeiro contato com os pais que dariam seqüência ao grupo. Foi feita uma apresentação explicando como seria feito o trabalho com eles. Fez-se necessário conhecer o grupo (pois o mesmo apresentava membros diferentes em relação ao semestre anterior) para em seguida traçar quais os pontos principais a serem abordados nas próximas reuniões.

O segundo encontro foi realizado no dia 19 de março de 2008. Os objetivos desse encontro eram integrar os participantes do grupo e promover um maior conhecimento entre eles. Para isso, foi preparada uma dinâmica com o objetivo de fazer com que os membros conhecessem quem trabalharia com eles durante o período de intervenção, trocar informações sobre a história de cada pai/mãe e proporcionar um pouco de descontração ao grupo. Foi observado que os objetivos foram atingidos, pois todos os pais participaram da dinâmica falando um pouco de sua história, falando de si próprios e conhecendo o outro, sendo este um encontro agradável, segundo o próprio julgamento dos membros. A expectativa era que partir

de um conhecimento maior sobre a história do colega de grupo, eles se abririam cada vez mais para colaborar com o andamento dos encontros, relatando assim suas experiências e até mesmo dificuldades.

O terceiro encontro foi realizado no dia 26 de março de 2008. O objetivo desse encontro era coletar dados sobre o processo de chegada à clínica da fonoaudiologia de cada pai. Todos os pais falaram de como foi esse processo. A maioria deles relatou que descobriram a clínica porque foram indicados por pessoas ou lugares, como hospitais, por exemplo.

O quarto encontro foi realizado no dia 02 de abril de 2008. O objetivo desse encontro era investigar se eles entendiam tudo que era dito e explicado em relação ao problema auditivo dos seus respectivos filhos a partir das informações passadas pelos estagiários ou professores da clínica de fonoaudiologia. Essas informações poderiam promover uma discussão sobre a necessidade de pedir informações quando necessário, retirar dúvidas sobre as tarefas e exercícios passados pela equipe de fonoaudiologia, uma vez que durante o acompanhamento das supervisões da fonoaudiologia, esse era um problema freqüentemente relatado pelos alunos: a dificuldade de adesão ao trabalho pelos pais. Isso pode ser justificado, pois um acompanhamento semanal de aproximadamente 1 hora não era suficiente para produzir alterações nos comportamentos dos filhos, tornando-se necessária uma integração dos pais ao trabalho, reproduzindo no contexto familiar das crianças atividades planejadas para desenvolvimento da oralidade e comunicação das crianças.

Nesse encontro, as mães participantes do grupo relataram que a explicação da equipe de fonoaudiologia era adequada e compreensível. No entanto, surge uma dúvida acerca do uso do aparelho. Uma das mães relata que havia conversado com um deficiente auditivo no ônibus e que ele disse que incomodava muito quando o aparelho apitava, "... dizia ser horrível (sic)". Tinha se estabelecido então uma dúvida sobre como era usar o aparelho, se era incomodo ou não para os seus respectivos filhos. Teve-se a oportunidade de investigar se as mães e os pais conseguiam ser assertivas, avaliando por exemplo, se no caso de haver uma dúvida sobre alguma explicação da equipe de Fonoaudiologia, eles pediam ou não uma explicação mais

clara ou deixavam passar sem entender essa explicação. Foi verificado que em várias ocasiões eles deixavam de perguntar alguma coisa por vergonha. A partir dos relatos foi criada uma demanda de trabalho para a equipe de Psicologia, que foi atendida no encontro a seguir.

O quinto encontro foi realizado no dia 09 de abril de 2008. O objetivo desse encontro era apresentar para os pais, através de recursos visuais (data show), explicações sobre a passividade, agressividade e assertividade, de modo geral, para que os pais pudessem compreender minimamente sobre cada um desses comportamentos, através de uma explicação e descrição de características acerca de cada comportamento. Ao final da apresentação, foram apresentadas duas situações-problema, em que os pais tinham que responder e dizer qual tipo de comportamento ele estaria emitindo, classificando-o como passivo, agressivo ou assertivo. Os pais se mostraram envolvidos com a apresentação, e até classificaram alguns comportamentos. A importância da assertividade e suas vantagens foram expostas pela equipe da psicologia. Os pais elogiaram o trabalho e se apresentaram muito mais receptivos a este tipo de trabalho.

O sexto encontro foi realizado no dia 16 de abril de 2008. Os objetivos desse encontro eram fazer com que os pais descrevessem como eles educam os filhos, como passam valores morais, as estratégias utilizadas para manter comportamentos desejados e excluir comportamentos indesejados. Uma mãe relatou que habitualmente tem que prender a filha no carrinho para dar comida, ou dar um brinquedo na intenção de distrair a filha para fazê-la comer. Outra mãe conta que veta as coisas que ele gosta de fazer para fazer as obrigações. Segundo ela, evita bater e coloca de castigo sentado numa cadeira durante 5 minutos. Uma terceira mãe diz bater na filha quando a mesma faz birra. Essa é uma estratégia utilizada por outras mães, que dizem que quando o filho faz birra elas dão uns tapinhas. Outra mãe relata que quando sua filha faz birra ela ignora ou briga com a mesma, e que quando bate, explica o porquê ela está apanhando: “eu bato para resolver ou piorar de vez! (sic)”.

Ao longo do encontro outras mães se mostraram mais à vontade para relatar suas estratégias, por exemplo: uma das mães diz que para ensinar os filhos, inicialmente

fala baixo e de maneira educada, ensinando e dando exemplos, repetindo esse comportamento no máximo mais uma vez e que numa terceira vez na qual tem que repetir bate, utilizando chinelo ou outros objetos. Outras mães relatam que nessas situações cortam as coisas que eles mais gostam de fazer, que batem todo dia, as vezes antes de explicar. Por outras vezes colocam de castigo, ou mesmo não dão o “Nescau que eles tanto gostam (sic)”. O que se percebeu é que uma maneira geral as mães utilizam mais o bater do que o explicar. Todas as mães relataram acreditar que “não tem como criar um filho sem bater, nem que seja um pouco (sic)”. Em algumas ocasiões, para impor regras, elas conversam inicialmente, e se perceberem que não adiantou, dão alguns tapinhas na hora, senão, em último caso, colocam de castigo. Todas as mães disseram que tentam repetir as explicações para seus filhos entenderem melhor o que elas dizem, se comportando de maneira agressiva, o que denota que elas não conhecem estratégias mais eficazes para lidar com as situações do dia-a-dia. A partir desse encontro, foi planejada para os encontros seguintes, uma exposição sobre estratégias mais eficazes para serem utilizadas na educação dos filhos.

O sétimo encontro foi realizado no dia 23 de abril de 2008. O objetivo desse encontro era apresentar os estilos parentais e suas relações com o surgimento de comportamentos anti-sociais dos filhos através de recursos visuais (data show). O assunto que recebeu mais atenção por parte das mães durante a exposição foi o “abuso físico”, em que as mães disseram ser desnecessário o espancamento da criança, mas que, no entanto, em algumas vezes elas não tinham outra opção a não ser bater ou “dar uns tapinhas (sic)”. As mães ressaltaram também que o papel da escola na educação dos filhos: “a gente educa, mas na escola eles conhecem outras pessoas, aí fica difícil, né? (sic)”. Foi percebido um comportamento de esquiva no que diz respeito à educação dos filhos. O que se deve ressaltar é que segundo Marinho, M. L. (2005) “a família proporciona o primeiro e mais importante contexto social, emocional, interpessoal, econômico e cultural para o desenvolvimento humano e, como resultado, as relações familiares têm uma profunda influência sobre o bem-estar das crianças. A relação pais-filho tem uma penetrante influência sobre o bem-estar psicológico, físico, social e econômico das crianças”. Levando-se em consideração essa citação, foi discutido com os pais o seu papel na formação dos

filhos, ressaltando a importância de uma participação ativa dos mesmos na educação dos filhos.

Do oitavo ao décimo primeiro encontro, realizados nos dias 30 de abril, 07 de maio e 21 de maio e 28 de maio de 2008, respectivamente, foi apresentado para os pais, através de recursos visuais (data show), estratégias parentais. Nesta apresentação era mostrado o tipo de estratégia, a descrição e aplicações. As estratégias eram: passar um tempo de qualidade em companhia dos filhos; fomentar o comportamento desejável, promovendo atenção positiva depois de comportamentos pró-sociais e/ou comportamentos apropriados iniciado pelas crianças; dar grande quantidade de afeto físico à criança; conversar com as crianças; utilização da aprendizagem incidente, empregando uma série de estímulos graduados para responder às interações faladas iniciadas pela criança; apresentar um bom exemplo por meio da modelagem, proporcionando à criança uma demonstração do comportamento desejado por meio da modelagem parental; fomentar a independência por meio de “pergunte, diga-o, faça-o”; proporcionar atividades para que as crianças se envolvam nelas; estabelecer regras claras; discussão dirigida, identificando o comportamento problema, identificar alternativa e ensaiar o comportamento correto, contingente à situação na qual são rompidas as regras; gráficos de bom comportamento, proporcionando atenção social e recompensas contingentes com a realização do comportamento desejável (ou ausência de comportamento indesejável); Dar instruções claras e com tranquilidade; Conseqüências lógicas, proporcionando uma conseqüência específica que implique a retirada da criança de uma atividade ou a retirada de uma atividade da criança; Tempo de calma, implicando em colocar a criança em uma cadeira no mesmo ambiente que outros membros da família durante um período de tempo específico, de forma contingente a um comportamento problema; Tempo fora, implicando em colocar a criança em uma área afastada dos outros membros da família durante um período de tempo específico, de forma contingente a um comportamento problema; Ignorar de modo planejado, retirando da atenção enquanto perdurem os problemas de comportamento; Atividades planejadas, proporcionar atividades que mantenham as crianças ocupadas em situações específicas de alto risco.

Buscou-se com esta apresentação mostrar para os pais a melhor forma de lidar com seus filhos. A reação das mães a esta apresentação foi muito boa. Uma mãe conta que o filho gosta de desenhar e pintar, e que em algumas vezes, quando o filho ultrapassa as bordas do desenho, ela fala: “essa aqui não pode borrar não!” (SIC). Todas relataram ser muito carinhosas e contam que seus filhos são muito carinhosos também. No discurso das mães foi possível perceber que algumas das estratégias apresentadas eram conhecidas e seguidas, porém, outras estratégias elas diziam ser difíceis de ser concretizadas ou simplesmente não faziam desta forma, por ter um costume de agir da forma delas com os filhos.

Durante o nono encontro, uma mãe comentou que o filho risca a parede toda, de todas as cores. Outra mãe disse que o filho, de 10 anos, já apresenta comportamentos de independência, que “já é bem crescidinho e se vira sozinho (sic)”, fala de uma maneira adequada, e que ele mesmo cuida e coloca o aparelho no ouvido. Outra mãe conta que a filha tenta fazer as coisas sozinha, disse que ela tenta, por exemplo, colocar a sandália sozinha, mas que só consegue colocar o pé por cima. Outro comportamento de independência seria tentar escovar os dentes sozinha. Todas essas mães apresentavam (segundo relato das mesmas) um comportamento adequado, reforçando os comportamentos que julgavam adequados dos filhos. No entanto, se percebe uma dificuldade em eliminar comportamentos inadequados, revelando a utilização de punição e castigo físico em muitas ocasiões.

Uma outra mãe relata que tem tentado estimular bastante a fala da filha. Ela afirma que encontra dificuldades, pois a filha é bem dependente dela. Segundo a mãe, a filha tem uma cama no mesmo quarto que a ela e costuma dormir na mesma cama. Disse que a filha pede tudo, e que muitas vezes, acorda a mãe durante a madrugada para levá-la ao banheiro. Essa mesma criança não apresentar comportamentos pouco complexos, como pegar água na geladeira, pedindo para que a mãe o faça. A mãe conta também que tirou a chupeta da filha aos cinco anos de idade, fazendo um “acordo” com ela. Essa mãe sinalizou várias dificuldades em saber como lidar com a filha. Mostrou-se pouco assertiva com filha ao deixá-la dormir em seu quarto. Nesse momento, em discussão com o grupo, chega a conclusão que poderia ser assertiva com a filha, criando mais autonomia, como estratégia para que a mesma realizasse suas obrigações e parasse de pedir coisas

desnecessárias durante a madrugada, em situações em que ela mesma pudesse emitir o comportamento. Foi sugerido que a mãe fizesse um reforço diferencial, reforçando comportamentos adequados, e colocando comportamentos inadequados em extinção, e ainda reforçando outros comportamentos que fossem incompatíveis com aqueles indesejados.

O décimo encontro foi realizado no dia 21 de maio de 2008. O objetivo desse encontro visava à continuação da apresentação das estratégias parentais. Uma das mães conta que a maneira de lidar com a agressividade do filho é a partir de um esquema feito por ela, no qual ela prega uma folha na geladeira, e se ele fizer coisas boas ganha uma “carinha” feliz, e se fizer coisas ruins ganha uma “carinha” triste, e no final, se ele tiver muitas “carinhas” boas ele ganha um presente. Sobre essa estratégia, nota-se uma semelhança com um sistema de economia de fichas, tradicionalmente utilizado em intervenções comportamentais em situações nas quais existem vários sujeitos para se intervir, ou mesmo vários comportamentos com a necessidade de se encontrar um reforçador generalizado. Foi pontuado para essa mãe que a mesma deveria discutir com o filho qual o reforçador era adequado, e sistematizar sua prática, definindo critérios sobre o desempenho do mesmo para ter acesso aos reforçadores.

Outra mãe comentou que seu filho é muito desobediente e não tem costume de encher a garrafa de água, lavar a louça que sujou, entre outras tarefas domésticas. Entre os relatos das outras mães, foram coletadas informações sobre crianças que deixam a mochila da escola e os tênis jogados na sala, e que todos os dias precisam chamar a atenção dos filhos quanto a isto. Em outro caso, uma das crianças, tem o hábito de beber água em um copo de plástico dentro de casa, e de repente jogar o copo para o alto. Nessa situação, uma das mães mandou o filho pegar o copo e colocar na mesa, e ao avaliar o comportamento dessa mãe, chegou-se à conclusão que a mesma apresentou um comportamento agressivo.

Ao serem apresentadas as estratégias, uma das mães disse que não consegue ficar sem arrumar confusão com a filha, e que não consegue ter paciência com a mesma, relatando que em algumas vezes perde tanto a paciência que às vezes pede pro pai “se virar”. O que foi percebido é que quando os filhos querem alguma coisa, ficam

quietos, se comportando de maneira adequada, porém, depois voltam ao normal. Isso implica em um relato das mães de que os filhos são interesseiros, e que não conseguem falar com ela com calma. Ao se pontuar como elas avaliavam os seus comportamentos em relação aos filhos, uma comentou que aprende muita coisa boa com o grupo e que está tentando mudar, conseguindo avaliar que em algumas ocasiões em que se comporta de forma agressiva com a filha para tentar fazer com que ela a obedeça, não obtém êxito, concluindo que uma pessoa agressiva tenta conseguir as coisas gritando ou fazendo ameaças, e que um comportamento mais assertivo, pontuando como o comportamento do filho deve ocorrer, a situação em que deve ocorrer e as prováveis conseqüências para esse comportamento seria uma estratégia mais eficaz.

No décimo primeiro encontro foram discutidos os efeitos de proporcionar uma conseqüência específica para o comportamento inadequado do filho, que implique na retirada da criança de uma atividade ou a retirada de uma atividade da criança. Uma mãe disse que briga muito com o filho, pois tem uma televisão específica para ela, e que quando ele quer assistir algum programa, ele diz que a televisão dela é a outra.

Outra mãe conta que em alguns dias, sua filha fica ligando e desligando a televisão (rindo) enquanto a mãe assiste. Depois de apresentada uma estratégia, que discute o tema “tempo fora”, que implica em colocar a criança em uma área afastada dos outros membros da família durante um período de tempo específico, de forma contingente a um comportamento problema, essa mãe comenta que coloca o filho sentado em uma cadeira durante 5 minutos.

Uma estratégia sugerida para as mães, foi “atividades planejadas”, que discute sobre proporcionar atividades que mantenham as crianças ocupadas em situações específicas de alto risco. Isso pode ser ilustrado pelo que uma mãe relata. Segundo ela, no ônibus, a filha fica querendo levantar, puxar o cabelo dos outros, fazer bagunça, e como estratégia para resolver isso, a mãe leva alguma coisa pra ela comer, no entanto, disse que só às vezes isso funciona. Ela já tentou levar o mordedor da filha, mas também não adiantou. Disse que às vezes dá um apertão na filha para que ela fique mais quieta, e a reação da filha é colocar o dedo na boca e

ficar quieta. O que se percebe é que os filhos parecem não respeitar o que os pais pedem, mas que os estes não conseguem utilizar ou identificar estratégias adequadas, discutindo então que o treinamento de pais estava sendo fundamental para que na relação familiar, a aprendizagem dos filhos de dessa de forma correta, proporcionando o bem-estar de todos.

Para o décimo segundo encontro, realizado no dia 04 de junho de 2008, foi planejada a aplicação de uma técnica de relaxamento (Relaxamento Progressivo de Jacobson), pois se verificava em vários encontros que os pais se mostravam cansados, muitas vezes em estados de tensão. Para essa tarefa, foi utilizado um data show, ligado a um computador com duas caixas de som. Foi explicado que eles deveriam sentar confortavelmente para realizar o relaxamento. Foi observado que durante o relaxamento, alguns pais dormiram: “até tirei um cochilo ali! (sic)”.

O décimo terceiro encontro foi realizado no dia 11 de junho de 2008. O objetivo desse encontro era que os pais participantes do grupo fizessem uma avaliação do trabalho realizado pela equipe de estagiários da psicologia. Perguntou-se sobre os encontros, se eles gostavam de estar ali, o que representava aquele espaço pra eles, e como eles observavam o comportamento deles em relação aos filhos.

Uma mãe relata que achou o grupo “legal” e perguntou se existia algum psicólogo que falasse libras para atender seu filho. Sugere também que para os próximos grupos fossem preparadas dinâmicas que “meçam com o sentimento das mães (sic)”. Falou também sobre a dificuldade dos pais em falar durante os encontros, citando que “quando a pessoa não se solta vocês (equipe da psicologia) têm que levar (sic)”. Outra mãe relata que gosta do grupo. Nota-se, a partir deste comentário, que se faz e, se fez necessário muitas vezes incitar nas mães uma fala mais profunda, como uma busca pelo desabafo. Percebe-se que muitas vezes essa necessidade é percebida, mas talvez por questão de timidez, isso tenha se mantido guardado.

O décimo quarto encontro foi realizado no dia 18 de junho de 2008. O objetivo desse encontro era o encerramento das atividades realizadas pela equipe de estagiários de psicologia. Procurou-se organizar uma confraternização de modo que a sala de

atividades virasse um ambiente descontraído e diferente do usual. Os participantes dos dois grupos ficaram bastante à vontade, criando assim uma oportunidade para a equipe de psicologia agradecer a presença, acompanhamento e participação das atividades propostas.

Em várias ocasiões, foi observado um aumento na frequência de feedback dos pais em relação ao trabalho realizado pela equipe de estagiários da psicologia. No dia 07 de maio de 2008, ao serem perguntados se estavam gostando das reuniões e das apresentações com recursos audiovisuais uma mãe relata que o trabalho "... é bom né? Ocupa o tempo vago! Antes eu ficava ali cochilando naquele banco, esperando meu filho sair (sic)".

No dia 21 de maio de 2008, outra mãe disse que gosta muito das reuniões, pois tem dado resultados, relatando que seu filho mudou muito. Ela relata que vendo nossas apresentações e conversando com o grupo ela tem tido mais paciência para falar com ele, e ele tem entendido muito mais o que ela falava. Outras mães comentaram que gostam das reuniões, e que em relação às nossas apresentações, algumas coisas elas já fazem, mas outras ainda não. Neste dia, a equipe de estagiários de psicologia recebeu muitos elogios. Disseram (em algumas ocasiões bastante emocionadas) que lá eles têm abertura para conversas, debates e discussões sobre assuntos que os interessam: "A melhor hora que eu tenho é aqui. O lugar que eu me sinto bem é aqui. Eu gosto daqui (sic)". Essa mãe relata que às vezes quando acorda, ela se olha no espelho e dá vontade de "comer a si mesma", porque é muito estressada.

A serem perguntadas sobre o significado daquele espaço para as mães, e se as estratégias parentais apresentadas às ajudavam de alguma forma, elas relataram que as estratégias têm ajudado bastante, que algumas têm saído mais com os filhos, e que aquele espaço é bom, pois diz ser "melhor do que ficar lá sentada na clínica de fonoaudiologia esperando sem fazer nada (sic)". As mães também revelam que o grupo funciona como uma esQUIVA para evitar ter pessoas perguntando sobre o problema dos filhos.

Foi pontuado para elas que aquele é um espaço para cuidar de quem cuida, e que em várias ocasiões elas mais cuidam do que são cuidadas. As mães identificam que cuidar dos filhos sozinhas é muito difícil, e que seria importante receber ajuda também em casa. Uma das mães relata que “é de família esse estresse (sic)”, comentando que todos na família dela são assim. Ao final de uma das reuniões todos participantes saíram falando com os alunos do 4º período, que estavam presentes para observar à prática do estágio, para que se eles continuassem ali, para fazer um grupo como este.

Considerações Finais

De uma forma geral, pode-se relatar que os participantes consideraram o grupo com uma grande troca de experiência. Segundo as mães, elas aprenderam muitas coisas e seus filhos têm mudado bastante. Algumas mães relatam que estão compreendendo melhor os filhos, mudando muito sua percepção em relação a eles, e que estão diminuindo a frequência de comportamentos agressivos, como por exemplo, bater nos filhos.

Assim, considerando a importância dos pais na educação dos filhos, pode-se afirmar que os encontros puderam promover hábitos saudáveis, a prevenção e modificação de comportamentos problema emitidos pelos pais.

O que se espera, é que com a diminuição de carências e excessos que os pais apresentam em seus repertórios comportamentais, ao desempenhar seu papel, possam se configurar como um elemento importante para o desenvolvimento dos filhos. As habilidades implicadas na manifestação de disciplina, o acompanhamento dos filhos, o uso adequado de reforçamento positivo, o emprego eficaz de técnicas de solução de problemas ou das habilidades de comunicação poderiam retirar os pais de uma zona de alto risco de fracasso na educação e cuidado dos filhos.

Isso reforça a idéia de Caballo e Simon (2005), de que o treinamento de pais, nos contextos clínicos e da saúde, continua constituindo a principal fonte de modificação de comportamento em geral nas intervenções relacionadas a crianças e adolescentes em particular, isso porque os pais, em sua interação cotidiana com

crianças, são os que com maior probabilidade geraram ou estão mantendo a maioria dos comportamentos das crianças.

A educação começa em casa.

Referências bibliográficas

Caballo, V. & Simon, M. A. (2005). Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: transtornos específicos. São Paulo: Santos

Marinho, M. L. (2000b): A intervenção clínica comportamental com famílias. In E. F. M. Silves (org.) Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil. Campinas: Papyrus.

Marinho, M. L. (2005). Um programa estruturado para o treinamento dos pais. In V. E. Caballo & M. A. Simon (Orgs.), Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: transtornos específicos (pp.417-443). São Paulo: Santos

Olivares, J; Méndez. F. X. e Macia, D. (1997): Tratamientos conductuales em la infancia y adoles cencia. Madri: Pirâmide.

Torres, S. (2005). Deficiência auditiva infantil: psicopatologia e tratamento. In V. E. Caballo & M. A. Simon (Orgs.), Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: transtornos específicos (pp.241-268). São Paulo: Santos